

A DISCUSSÃO POLÍTICA POR MEIO DE MEMES: O CASO DE EDUARDO CUNHA E A APROPRIAÇÃO CÔMICA DAS REDES¹

Fernanda Manzo Ceretta²

As releituras cômicas de acontecimentos políticos por meio da criação de *memes*, especificamente aqueles que circularam pelas redes sociais durante os anos de 2015 e 2016 abordando a situação de Eduardo Cunha, são discutidas neste trabalho. Em 2016, Cunha, deputado federal filiado ao PMDB do Rio de Janeiro, teve seu mandato cassado e foi preso. Então presidente da Câmara dos Deputados e segundo nome em linha de sucessão do Presidente da República, ele foi acusado de receber propina e de manter contas não declaradas em paraísos fiscais. A resiliência do político, que usou frequentemente de estratégias e aliados para se manter no poder, chamou a atenção das redes e deu a Cunha o status de inimigo público. Usuários das redes tornaram virais uma grande quantidade de *memes* sobre o ex-deputado, que foram replicados e selecionados em uma espécie de curadoria por alguns dos principais veículos de comunicação, como Folha de S. Paulo, Estadão, Zero Hora e Super Interessante. A criação de *memes* é um fenômeno descentralizado das redes, no qual usuários diversos geram um conteúdo, em geral cômico, que apresenta reflexões sobre questões cotidianas, celebridades, notícias de destaque e demais assuntos pertinentes a grupos de interesses, no intuito de provocar um efeito viral. A hipótese deste trabalho é que a comicidade, característica frequente dos *memes*, tem grande força política e aproxima usuários diversos das redes às questões importantes que estão em discussão no país. A análise do tema baseia-se na proposta de cartografia do imaginário (Leão); nas reflexões acerca da comicidade (Bergson e Propp); imaginário e tribos (Maffesoli) e em nosso Mestrado (Ceretta).

Palavras-chave: memes, política, imaginário, comicidade

¹. Artigo apresentado na Mesa coordenada 9: Ciberimaginários: imaginários compartilhados no ciberespaço do IX Simpósio Nacional da ABCiber.

². Pesquisadora é professora da Universidade Anhembi Morumbi. É Doutoranda em Comunicação e Semiótica (PUC-SP) e participa do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Criação nas Mídias (CCM). E-mail: fmceretta@gmail.com

Introdução

O presente trabalho pretende analisar, sob a perspectiva de estudos da comicidade e do imaginário, o conteúdo cômico envolvendo o político Eduardo Cunha presente nas redes sociais, sobretudo na forma de *memes*.

A trajetória do político do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) Eduardo Cunha foi acompanhada e bastante comentada nas redes sociais, principalmente desde que este assumiu o cargo de presidente da Câmara dos Deputados, em 2015. Ocupar esta posição significa, entre outros poderes, definir a pauta de proposições que serão deliberadas e votadas entre os deputados, bem como representar o segundo nome na linha de sucessão para a Presidência da República.

Mesmo antes de Eduardo Cunha tornar-se o Presidente da Câmara dos Deputados, sobretudo por seu posicionamento polêmico acerca de questões envolvendo sexualidade e religião, os *memes* envolvendo o deputado e seus projetos já estavam presentes nas redes sociais.

Mas foi na recente saga de agir como um dos principais envolvidos no *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, ter contas ilegais descobertas na Suíça e ser, finalmente, preso, que os *memes* de Eduardo Cunha tomaram a internet e demonstraram grande potencial viral.

O presente artigo propõe uma reflexão acerca da comicidade destes *memes* na busca da compreensão deste fenômeno comunicacional quando este comenta momentos políticos.

Memes

A definição de *meme* é atribuída à obra *O Gene Egoísta* do biólogo Richard Dawkins, publicada em 1976. Em síntese, utilizando a metáfora de um vírus, Dawkins define o *meme* como uma unidade de evolução cultural que espalha mensagens, as quais passam de uma pessoa para a outra. *Meme* é uma adaptação da palavra *Gene* a partir da palavra *Mimeme*, ou Memória. Se o gene produz replicações de forma natural, o *meme* seria um replicador de forma cultural.

Precisamos de um nome para o novo replicador, um substantivo que transmita a ideia de uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação. "Mimeme" provém de uma raiz grega adequada, mas quero um monossílabo que soe um pouco como "gene". Espero que meus amigos helenistas me perdoem se eu abreviar mimeme para *meme*. Se servir como consolo, pode-se, alternativamente, pensar que a palavra está relacionada a "memória", ou à palavra francesa *même*.

Exemplos de *memes* são melodias, ideias, "slogans", modas do vestuário, maneiras de fazer potes ou de construir arcos. Da mesma forma como os genes se propagam no "fundo" pulando de corpo para corpo através dos espermatozoides ou dos óvulos, da mesma maneira os *memes* propagam-se no "fundo" de *memes* pulando de cérebro para cérebro por meio de um processo que pode ser chamado, no sentido amplo, de imitação (DAWKINS, 1979, p.124).

Atualmente, próprio autor reconhece que existe uma similaridade entre a definição de *meme* apresentada no livro dos anos 1970 e os *memes* da internet. Em entrevista para a Wired UK³, Dawkins comenta que

(...) o significado não está tão distante do original. É qualquer coisa que viraliza. (...) de fato eu uso a metáfora de um vírus. Então quando alguém fala sobre algo viralizando na internet, isso é exatamente o que um *meme* é e parece que a palavra foi apropriada para um subconjunto disto.

No contexto da internet, o primeiro registro do uso da palavra *meme* data do ano 2000, no *Contagious Media Project*, projeto no qual ativistas e artistas pensaram iniciativas elaboradas para ter o maior potencial viral possível nas redes.

Um conteúdo que viraliza nas redes dialoga com as especificidades culturais destes meios, as quais se aproximam da definição de cibercultura. Ao discorrer sobre possíveis definições para o termo cibercultura a partir de ensaios internacionais, Eugênio Trivinho, pesquisador da PUC-SP, aponta a relação das particularidades dos códigos comunicacionais das redes e como o domínio destes torna-se necessário para a “sobrevivência cultural”.

Em particular, cibercultura diz igualmente respeito ao background cognitivo típico dos movimentos ou redes sociais informatizados e ciberespecializados, isto é, que se definem pela prática microinformática como forma hodierna de ação social e política. Nesse recorte, cibercultura equivale a um capital social de sobrevivência cultural na fase globalitária do capitalismo (TRIVINHO, 2007, p.3).

Atualmente, utilizamos a palavra *meme* para designar uma figura, frase, vídeo ou demais criativos que utilizam códigos comunicacionais próprios da cibercultura e que viralizam potencialmente, ou seja, que são replicados de um usuário das redes para outros, que por sua vez também o replicam até que o conteúdo atinja um grande número de pessoas.

Os *memes* utilizam códigos específicos de domínio dos usuários das redes. A tipografia, a objetividade e até as diferentes versões da mesma piada são características recorrente nos *memes* que denotam este tipo de conteúdo. Em geral, os *memes* trabalham com comicidade e ironia.

³ Disponível em < <http://www.wired.co.uk/article/richard-dawkins-memes> > Acesso em 03/01/2017

O *meme* que costuma viralizar mais tende a ser rápido, produto de um pensamento vivo e em ação, que articula ideias com acontecimentos recentes e que estão presentes nas discussões das redes. Como ressalta a Folha de São Paulo em matéria sobre os *memes* de Eduardo Cunha⁴, a sensação é de que estes estejam sempre prontos para os acontecimentos em potencial, esperando o momento de disparo nas redes. Os *memes* sobre Eduardo Cunha, alinhados a questões políticas atuais, teriam maior potencial de viralização do que *memes* sobre outros momentos políticos da história do Brasil e do mundo.

O dinamismo das redes reflete, portanto, na rapidez da geração de conteúdo e também na fugacidade de temas: o que tem potencial viral hoje talvez não tenha em uma semana. Algumas das figuras totêmicas da *web*, grandes produtores e curadores de conteúdo de sites famosos de humor, estão em constante diálogo com o imediatismo das notícias relevantes para o Brasil.

A trajetória política de Eduardo Cunha em memes

É possível contar os acontecimentos mais recentes da trajetória política de Eduardo Cunha por meio de *memes*. Esta proposta foi, inclusive, utilizada por veículos de comunicação tradicionais como UOL⁵, Estadão⁶, Zero Hora⁷ e Super Interessante⁸.

⁴ Disponível em < <http://hashtag.blogfolha.uol.com.br/2016/10/19/eduardo-cunha-presos-hoje-os-memes-ja-estavam-prontos/> > Acesso em 25/12/2016.

⁵ Disponível em < <http://noticias.uol.com.br/politica/listas/manobras-impeachment-renuncia-a-trajetoria-de-eduardo-cunha-em-18-memes.htm?mobile> >. Acesso em 12/11/2017.

⁶ Disponível em < <http://fotos.estadao.com.br/galerias/emails-eduardo-cunha-a-trajetoria-do-deputado-em-memes.27149> >. Acesso em 12/11/2017.

⁷ Disponível em < <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/politica/noticia/2016/10/prisao-de-eduardo-cunha-virada-nas-redes-sociais-veja-os-memes-7848476.html> >. Acesso em 12/11/2017.

⁸ Disponível em < <http://super.abril.com.br/sociedade/a-saga-de-eduardo-cunha-em-memes/> >. Acesso em 12/11/2017.

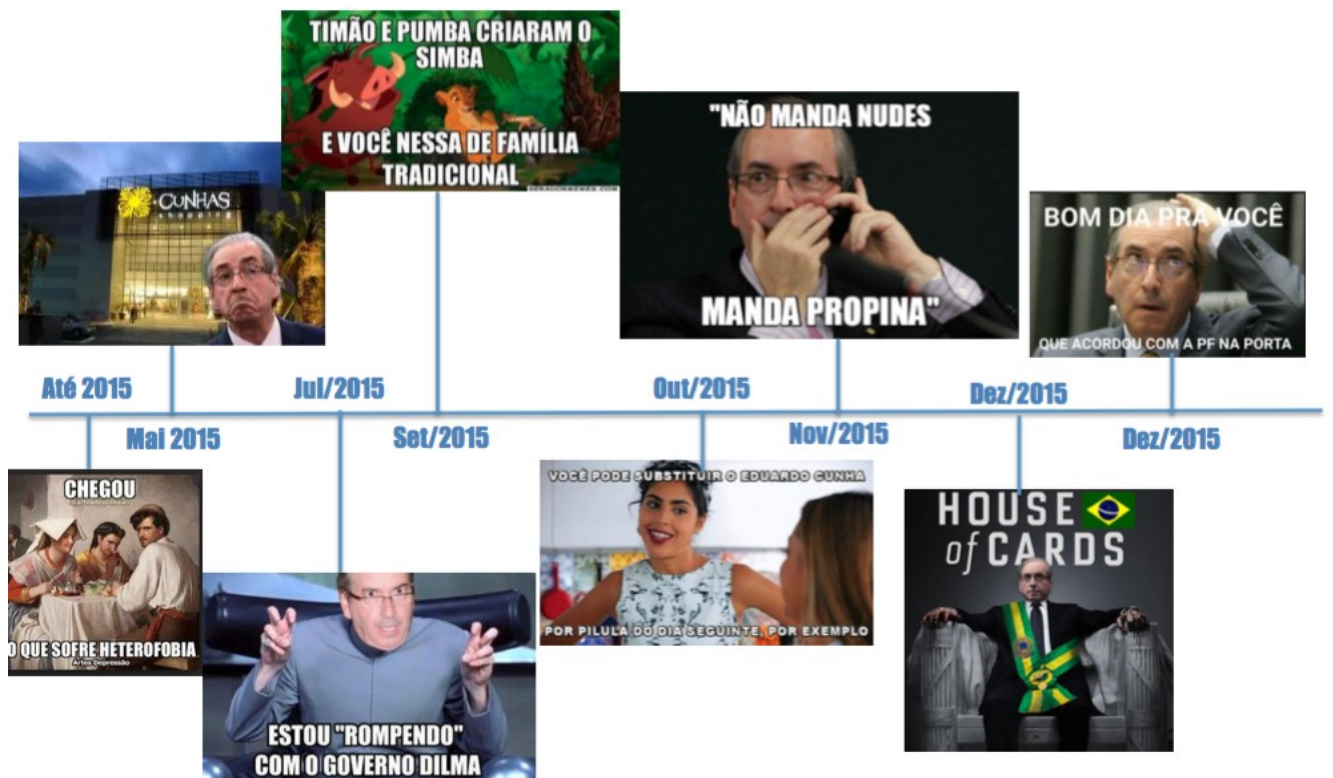


Figura 1. A trajetória de Eduardo Cunha em memes populares da internet- parte 1.



Figura 2. A trajetória de Eduardo Cunha em memes populares da internet- parte 2.

A seguir são descritos os acontecimentos políticos da trajetória de Eduardo Cunha que deram origem aos *memes* das montagens acima.

- **Até 2015-** Os projetos de lei propostos por Eduardo Cunha são mencionados em *memes*, sobretudo por seus projetos de lei relacionados à religião e sexualidade. Cunha propõe, por exemplo, que seja instituído o Dia do Orgulho Hétero, bem como criminalizar a heterofobia, com pena de reclusão de 1 a 3 anos.
- **Fevereiro de 2015-** Eduardo Cunha é eleito Presidente da Câmara dos Deputados com 267 votos.
- **Mai de 2015-** Cunha propõe a criação de um anexo à Câmara dos Deputados, posteriormente apelidado de *Parlashopping*. O empreendimento bilionário incluía dois prédios, um de dez andares e outro de três, para abrigar gabinetes de deputados, garagens e lojas.
- **Julho de 2015-** Eduardo Cunha declara que não apoiará mais o PT, na época à frente da Presidência da República com Dilma Rousseff.
- **Setembro de 2015-** Eduardo Cunha, por meio do PL 6.583 (Estatuto da Família), tenta instituir a redução dos direitos dos homossexuais em relação à adoção de crianças e determina que família seja apenas aquela composta por homem, mulher e filhos.
- **Outubro de 2015-** o PL 5069, apresentado por Cunha em 2013, é aprovado pela Comissão de Constituição e Justiça. Este “dificultava o atendimento às vítimas de abuso sexual, vetava orientações sobre aborto legal e limitava o acesso à pílula do dia seguinte” (Super Interessante, 2016).
- **Novembro de 2015-** Autoridades suíças confirmam que Cunha possui contas em seu nome e no da esposa no país, fato negado anteriormente pelo então Presidente da Câmara. Nas contas constavam quase 5 milhões de dólares.
- **Dezembro de 2015-** Eduardo Cunha aprova o pedido de impeachment da então Presidente Dilma Rousseff. Posteriormente, ainda no mesmo mês, a Polícia Federal vai até a casa de Cunha procurar provas de corrupção e lavagem de dinheiro por ordem do STF e agindo pela operação Java Jato.
- **Abril de 2016-** O deputado Marco Feliciano (PSC) chama Cunha de “Meu Malvado Favorito” por ter sido responsável pelo avanço do processo de *impeachment*. Também, no mesmo mês, durante a votação do impeachment, Eduardo Cunha foi chamado de gangster pelo deputado Glauber Braga (PSOL).

- **Maio de 2016-** Cunha é afastado do cargo de Presidente da Câmara pelo Supremo Tribunal Federal, que entendeu que Cunha estaria dificultando investigações. No mesmo mês, a internet começa, em maior intensidade, a fazer *memes* com a esposa de Cunha, Cláudia Cruz, enfatizando seus olhos arregalados.
- **Junho de 2016-** Eduardo Cunha renuncia ao cargo de Presidente da Câmara em um discurso emocionado, às lágrimas.
- **Setembro de 2016-** Eduardo Cunha é cassado.
- **Outubro de 2016-** Eduardo Cunha é preso.

Acontecimentos políticos são retratados de forma cômica por veículos noticiosos há muito tempo. Na Inglaterra, o desenhista James Gillray ficou conhecido pelas frequentes e bem-humoradas críticas ao governo ao retratar a personagem John Bull em diversas situações. John Bull é uma personificação do Reino da Grã-Bretanha, muito mencionado durante o século XVIII.

No Brasil, a revista O Malho, cuja veiculação foi iniciada em 1902 pelo fundador Luís Bartolomeu de Souza e Silva, já trazia, predominantemente em formato de charges, críticas bem humoradas em relação ao cenário político da época⁹.



Figura 3. Charge inglesa de 1795, por James Gillray. Fonte: <https://obstinateheadstronggirl.wordpress.com/tag/james-gillray/>

⁹ Veja mais em < <http://www.casaruibarbosa.gov.br/omalho/> >. Acesso em 02/01/2017.



Figura 4. Capa da revista O Malho e charge de 1922. Fonte: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/omalho/?lk=50>

O diferencial da produção de *memes* é que se trata se uma criação descentralizada, com potencial viral, que dialoga com códigos de comunicação próprios da cibercultura. Interessante também é perceber como produzir um *meme* é mais simples do ponto de vista técnico do que uma charge, sendo que boa parte da comicidade das charges reside na retratação caricata das figuras públicas. O *meme*, por outro lado, pode ser facilmente criado com o auxílio de sites como o *Meme Generator*¹⁰.

A comicidade dos memes

O cômico pode ser definido como algo que causa ou pretende causar o riso. Sendo assim, o cômico não está apenas nos limites da comédia, mas vai além desta. Por exemplo: uma situação das nossas vidas pode ser cômica, uma pessoa real pode ser cômica, ambos fora do contexto da comédia (NEALE; KRUTNIK, 1990, p. 16), como vemos aqui as versões cômicas de acontecimentos políticos, no caso dos *memes* de Eduardo Cunha.

Henri Bergson, filósofo francês do princípio do século XX, na obra em que analisa o fenômeno do riso, diz que o cômico parece estar relacionado àquilo que é específico do

¹⁰ Veja em < <https://imgflip.com/memegenerator> >.

homem, direta ou indiretamente. Animais, sobretudo o macaco, despertam o riso por meio de suas semelhanças físicas e comportamentais com o ser humano. As paisagens da natureza, entretanto, não costumam ser engraçadas, a menos que identifiquemos em uma árvore a silhueta de uma pessoa ou em uma folha a expressão de um rosto humano. O riso é exclusivo do ser humano; isso se explica pelo fato de que, para que possamos rir, é necessário atribuir às ações algum valor moral, algo que os outros animais não são capazes de fazer (BERGSON, 1983). Bergson também fala sobre a importância do coletivo para o fazer rir.

O nosso riso é sempre o riso de um grupo. Ele talvez nos ocorra numa condução ou mesa de bar, ao ouvir pessoas contando casos que devem ser cômicos para elas, pois riem a valer. Teríamos rido também se estivéssemos naquele grupo. Não estando, não temos vontade alguma de rir. [...] Por mais franco que se suponha o riso, ele oculta uma segunda intenção de acordo, diria eu quase de cumplicidade, com outros galhofeiros, reais ou imaginários. (BERGSON, 1983, p. 7)

Esta afirmação pode ser relacionada com o fenômeno dos *memes*, cuja viralização depende da identificação de um determinado grupo com um assunto ou abordagem específicos. Para pensar estes grupos próprios da cibercultura, podemos fazer uso das “tribos” descritas por Michel Maffesoli, sociólogo francês que em suas obras aborda a importância do imaginário na construção da sociedade. Podemos compreender a noção de Maffesoli acerca do imaginário na entrevista concedida à revista da Famecos de agosto de 2011.

A cultura pode ser identificada de forma precisa, seja por meio das grandes obras da cultura, no sentido restrito do termo, teatro, literatura, música ou, no sentido amplo, antropológico, os fatos da vida cotidiana, as formas de organização de uma sociedade, os costumes, as maneiras de vestir-se, de produzir, etc. O imaginário permanece uma dimensão ambiental, uma matriz, uma atmosfera, aquilo que Walter Benjamin chama de aura. O imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável. (MAFFESOLI, 2011)

Pode-se falar em “meu” ou “teu” imaginário, mas, quando se examina a situação de quem fala assim, vê-se que o “seu” imaginário corresponde ao imaginário de um grupo no qual se encontra inserido [...]. O imaginário estabelece vínculo. É cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser individual. (MAFFESOLI, 2001)

Para Maffesoli, o imaginário é geralmente de ordem coletiva e constitui-se pela ideia de pertencimento a grupos ou tribos, partilhando visões e filosofias acerca da vida e das coisas. Sobretudo a partir dos novos canais disponibilizados para a população, conversas que décadas atrás eram privadas, de um indivíduo para o outro, frequentemente dão-se em ambientes públicos e instigam a participação de várias pessoas. A partir da força dessa

coletividade, o autor fala sobre a saturação do indivíduo, que ele diz estar relacionada à emergência da *persona*, o que resulta em um indivíduo plural, com uma infinidade de máscaras à disposição. O individualismo aponta para uma preocupação com o futuro, enquanto o fenômeno das *personae* seria uma vontade de viver o presente (MAFFESOLI, 2008, p. 9). Existe também uma saturação epistemológica:

Há um retorno do sensível, do corpo e da intensidade, só que de forma difusa. É mais vivido do que pensado. É uma ideia de criatividade da existência. Noção de criação da vida como obra de arte e da estetização da vida social. Estética é o compartilhamento de emoções (quaisquer que sejam). Assim temos um outro laço social em jogo. (MAFFESOLI, 2008, p. 9)

No seminário “Sociologia Compreensiva, Razão Sensível e Conhecimento Comum”, apresentado por Maffesoli na PUCRS (maio de 2006), o sociólogo discutiu os anseios dos usuários das redes como uma vontade de participar do imaginário coletivo, segundo o artigo de Gracy Crady publicado na revista Famecos em dezembro de 2006, no qual a professora da ESPM-RS buscou sintetizar o pensamento de Maffesoli durante o seminário:

E a privacidade, a qual o francês lembra ser uma invenção burguesa do século XIX, que economizava tudo, desde os bens até a própria intimidade, está com os dias contados. Vide os *blogs*, *reality shows*, o *Orkut*, uma nova onda dionisíaca de obscenidade pós-moderna. Segundo ele, tudo mostra, tudo precisa exibir compulsiva e publicamente, no desejo de partilha. (CRADY, 2006, p. 3)

O anseio pelo pertencimento à estas tribos, que se reforça por meio da partilha de elementos que dialoguem com determinados imaginários, é uma forma possível de justificar a viralização orgânica dos *memes*, incluindo aqueles mencionados por este artigo. No anseio de fazer parte da tribo daqueles que dão importância às discussões políticas, que desaprovam um presidente da câmara dos deputados corrupto ou da tribo dos que se mantêm informados sobre os principais acontecimentos do país, os usuários afirmam sua participação compartilhando em seus perfis da rede os conteúdos relacionados. Os *memes* falam por estes indivíduos e ajudam a compor a *persona* destes na cibercultura, em diálogo com outros indivíduos que são afetados pelo mesmo imaginário.

É necessário também possuir um repertório prévio para compartilhar estes *memes*. Por isso que o imaginário destas tribos é bastante específico e local. Para Bergson, o riso é a mecânica aplicada no ser vivo, acontecendo com uma precisão similar às leis da natureza: está presente sempre que há uma causa para isso. Entretanto, Vladimiro Propp, pesquisador russo de narrativas, problematiza essa afirmação de Bergson.

[...] pode-se dar a causa do riso, porém é possível existirem pessoas que não riem e que é impossível fazer rir. A dificuldade está no fato de que o nexo entre o objeto cômico e a pessoa que ri não é obrigatório nem natural. Lá, onde um ri, outro não ri (PROPP, 1992, p. 31).

A causa para esse fenômeno pode residir, segundo Propp, em condições de ordem histórica, social, nacional e pessoal. “Cada época e cada povo possui seu próprio e específico sentido de humor e de cômico, que às vezes é incompreensível e inacessível em outras épocas” (PROPP, 1992, p. 32).

As pesquisas acerca da comédia antiga, segundo Edson Tadeu Ortolan, pesquisador de teatro da região de Campinas-SP, apontam para a utilização dos temas que mais afetam a sociedade na época em que cada texto era elaborado. O contexto das histórias e as personagens eram baseados em política, guerra, educação, religião, discriminação sexual etc. (ORTOLAN, 2004, p. 15).

Os *memes* de Eduardo Cunha discutem estes acontecimentos na realidade brasileira própria de nossa época e é preciso saber das notícias para compreender as piadas propostas. Trata-se da importância da familiarização e da relação com o que faz rir. Igualmente, é preciso possuir um repertório acerca dos códigos próprios dos *memes* para considerá-los cômicos. As mesmas pessoas, expostas para pessoas que não acessam as redes, podem perder o potencial cômico.

Após fazer uso destes autores para compreender o contexto de surgimento e viralização dos *memes*, também é possível articular uma análise dos *memes* de Eduardo Cunha em si. Ao analisar os *memes* em seu potencial de comicidade, é possível observar uma crescente de deboche no decorrer da trajetória do político. Para Henri Bergson, o cômico está ligado a um estado de insensibilidade daquele que ri, manifestando crueldade por um momento. “O maior inimigo do riso é a emoção” (BERGSON, 1983, p. 12). Isso significa que um envolvimento excessivo do espectador por determinada personagem, por exemplo, pode arruinar as chances de nele ser despertado o riso quando algo ruim acontecer à personagem. Essa citação de Bergson sugere a necessidade de um afastamento da personagem cômica para que ela possa tornar-se risível.

Ivo Bender, pesquisador de teatro da PUC-RS, ao discutir a teoria do cômico de Aristóteles, cita o rebaixamento da personagem como uma ação que gera risadas. Consiste na “dessacralização de heróis nacionais, deuses ou instituições” (ARISTÓTELES apud BENDER, 1996, p. 32). Nos casos aqui analisados, temos, portanto, a dessacralização da figura poderosa, Eduardo Cunha e das instituições políticas brasileiras.

Propp diz que o riso de zombaria está no desnudamento de qualidades negativas. Um homem gordo pode ou não ser ridículo. Se o homem em questão tiver algum desajuste ou algum defeito, ele faz rir. Mas se o homem for alguém muito inteligente e sereno, ele não será engraçado. O exagero que faz parte da caricatura, entretanto, não pode ultrapassar determinados limites que façam com que os espectadores sintam repúdio ou desgosto. “Só os pequenos defeitos são cômicos” (PROPP, 1992, p. 135).

Complementarmente, existem tipos diversos de riso. Propp sugere duas categorias: o que provém da derrisão e os demais, como o riso bom, o riso cínico e o riso maldoso, que possuem determinadas funções sociais. O riso mais recorrente nas artes é o de derrisão/zombaria, suscitado por defeitos daquilo ou de quem ri (PROPP, 1992, p. 151). Sendo assim, articulando os apontamentos de Bergson e Propp, sugere-se que um protagonista cômico deva ser falho, mas que suas falhas e defeitos não sejam graves o suficiente para provocar fortes emoções nos espectadores, como repúdio ou compaixão.

O progressivo enfraquecimento político de Eduardo Cunha, no decorrer de seu mandato até a prisão, parece ter gerado um aumento da zombaria por parte dos *memes* viralizados nas redes. No começo da trajetória como presidente da câmara dos deputados, enquanto Cunha ainda detinha grande poder, os *memes* pareciam fazer críticas mais sérias ao deputado. Quando este foi perdendo a influência e se aproximando da derrota política, os *memes* surgiram, de forma crescente, fazendo provocações pessoais e o ridicularizando. Um exemplo desta progressão é a zombaria com a mulher de Eduardo Cunha, Cláudia Cruz, que protagonizou diversos *memes* sobretudo pelos olhos arregalados. Cláudia Cruz começou a protagonizar *memes* nas redes após o afastamento de Cunha do cargo da presidência da câmara, um marco de enfraquecimento político em sua trajetória.



Figura 5. Os memes do início do mandato como Presidente da Câmara dos Deputados de Eduardo Cunha e os memes

Enquanto Eduardo Cunha era poderoso e conseguia mudar os rumos da política brasileira, o repúdio à sua figura era um fator que de fato parecia dar o tom da comicidade

envolvida em suas ações, quando retratadas nos *memes*. Ao perder o poder, o repúdio deu lugar à zombaria e humilhação, com uma perceptível mudança no tom da comédia.

Estas são algumas das perspectivas possíveis para analisar o fenômeno dos *memes* sobre acontecimentos e figuras políticas que circulam nas redes.

Considerações finais

Os *memes* sobre política fazem uso da sátira. Enquanto a paródia se baseia em convenções estéticas, a sátira se baseia em convenções sociais (NEALE; KRUTNIK, 1990, p. 19). Propp alega que a sátira representa os defeitos que ainda sobrevivem em nossos costumes e que essa arte ajuda a superá-los. Para o autor, “É considerado aspecto superior da comicidade o satírico e o riso que ele suscita. O riso provocado por este gênero de comicidade é um riso ideologicamente significativo, valioso e necessário” (PROPP, 1992, p. 185).

Quando abordam notícias políticas, os *memes* são, por vezes, criticados pela síntese que fazem de acontecimentos de grande importância. Por mais que a objetividade dos *memes* não permita contar as histórias em sua integralidade, estes são capazes de estimular a reflexão acerca dos fatos e do contexto cultural no qual vivemos.

Argumento que a comicidade é capaz de aproximar as pessoas dos fatos políticos e, portanto, exerce um papel social fundamental. Mesmo os usuários que não estejam a par das notícias, ao se deparar com *memes* muito recorrentes nas redes, muitas vezes procuram informações acerca do ocorrido. Portanto, além de uma ferramenta de reflexão, podemos considerar os *memes* um instrumento de divulgação de fatos políticos importantes.

Ainda que o leitor discorde desta colocação, por mais que Propp afirme que o riso provocado pela sátira seja superior, o mesmo autor menciona que até mesmo o riso desprovido de sátira, simples e habitual, cumpre um papel social, pois leva à alegria de viver e “eleva o tônus da vida” (PROPP, 1992, p. 190).

Referências bibliográficas

BENDER, Ivo C. **Comédia e riso: uma poética do teatro cômico**. Porto Alegre: Editora Universidade UFRGS/EDPUCRS, 1996.

BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre a significação do cômico**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1983.

DAWKINS, Richard. **O Gene egoísta**. São Paulo: EDUSP, 1979.

DOS SANTOS, Roberto Elísio; ROSSETTI, Regina (Org.). **Humor e riso na cultura midiática: variações e permanências**. São Paulo: Paulinas, 2012.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. O imaginário é uma realidade (entrevista com Michel Maffesoli). **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 15, ago. 2001.

_____. A terra fértil do cotidiano. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 36, p.5-9, ago. 2008.

NEALE, Steve; KRUTNIK, Frank. **Popular Film and Television Comedy**. Londres/Nova York: Routledge, 1990.

PROPP, Vladimir. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.

TRIVINHO, Eugênio. **Cibercultura e existência em tempo real**: contribuição para a crítica do modus operandi de reprodução cultural da civilização mediática avançada. Disponível em < <http://compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/151/152> >. Acesso em 01 jan. 2017.